



POTENCIALIDADES DECOLONIAIS NO ENSINO DE ARTE: UMA ANÁLISE CURRICULAR E DIDÁTICA

Luiz Augusto Moreira Silva¹

Sesi São Paulo

Resumo: Este artigo busca analisar criticamente o currículo e o material didático de Arte do Ensino Fundamental – Anos Iniciais da rede Sesi São Paulo, confrontando-os com a perspectiva da decolonialidade. Utilizando uma abordagem qualitativa, a pesquisa analisa como os recursos educacionais do referido segmento refletem ou divergem das perspectivas teóricas da decolonialidade a partir da crítica à colonialidade do saber de autores como Walter D. Mignolo e Bárbara Carine Soares Pinheiro, a virada decolonial na arte brasileira segundo Alessandra Simões Paiva e as contribuições basais de Ana Mae Barbosa sobre as dimensões do ensino-aprendizagem em Arte, neste contexto. Adotando a Abordagem Triangular, o referencial curricular do Sesi São Paulo reconhece amplamente as matrizes indígena, europeia e africana e busca desde seu aparato teórico, trabalhar com as diversas culturas, expressões e afetos que atravessam este conjunto seminal da cultura e arte brasileira. Esta análise revela que existem avanços significativos na valorização de vozes historicamente silenciadas assim como estratégias formativas de inclusão, como o boxe “ERER em Foco” que visa desconstruir narrativas hegemônicas convidando Professores a uma reflexão sobre a temática. Conclui-se que a decolonização efetiva do ensino de Arte na rede Sesi São Paulo demanda a continuidade da revisão de conteúdos, das metodologias e das representações nos materiais didáticos e demais recursos, perseguindo um currículo verdadeiramente inclusivo, plural e antirracista para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

Palavras-chave: decolonialidade; ensino de arte; currículo; Sesi São Paulo; antirracismo.

Abstract: This article seeks to critically analyze the Art curriculum and teaching materials of Elementary Education - Early Years in the Sesi São Paulo school system, confronting them with the perspective of decoloniality. Using a qualitative approach, the research examines how the educational resources of this segment reflect or diverge from the theoretical perspectives of decoloniality, based on the critique of the coloniality of knowledge by authors such as Walter D. Mignolo and Bárbara Carine Soares Pinheiro, the decolonial turn in Brazilian art according to Alessandra Simões Paiva, and the foundational contributions of Ana Mae Barbosa on the dimensions of teaching and learning in Art in this context. Adopting the Triangular Approach, the Sesi São Paulo curricular framework broadly acknowledges Indigenous, European, and African cultural matrices and, from its theoretical foundation, seeks to engage with the diverse cultures, expressions, and affections that permeate this seminal set of Brazilian culture and art. This research reveals significant progress in valuing historically silenced voices as well as formative inclusion strategies, such as the “ERER in Focus” feature, which aims to deconstruct hegemonic narratives by inviting teachers to reflect on the theme. It concludes that the effective decolonization of Art education in the Sesi São Paulo system requires the ongoing revision of content, methodologies, and representations in teaching materials and other resources, pursuing a truly inclusive, plural, and anti-racist curriculum for Elementary Education – Early Years.

Keywords: decoloniality; art education; curriculum; Sesi São Paulo; anti-racism.

¹ Analista Técnico Educacional de Arte – Supervisão de Currículo, Inovação e Recursos Didáticos – Sesi São Paulo. Pedagogia, Licenciatura plena em Arte, Licenciatura plena em Teatro. Pesquisa nas áreas de Currículo e Ensino/Aprendizagem da Arte. luiz.augusto@sesisp.org.br



1. INTRODUÇÃO

A arte, quando escolarizada, transforma-se em um componente curricular capaz de dialogar com as infâncias, considerando a integralidade dos indivíduos e os afetos que os atravessam. Constitui uma potente ferramenta para uma educação emancipadora, mas, no entanto, sua prática ainda enfrenta divergências conceituais e metodológicas, muitas vezes cristalizadas por processos pedagógicos que não se alinham com os anseios de uma educação plena. Nesse contexto, vimos surgir a decolonialidade como um campo de reflexão crucial e urgente, desafiando a norma eurocêntrica que delineia os currículos de Arte e se materializam em materiais didáticos que secularizam a hegemonia colonialista. Como aponta Mignolo, a decolonialidade é

(...) uma maneira de pensar e de estar no mundo, e não um método para estudar. Pensar decolonialmente significa desatrelar-se dos pressupostos da epistemologia moderna com base na diferença entre sujeito cognoscente e objeto a conhecer. (...) A decolonialidade são os processos de busca de se estar no mundo e fazer nesse estar, desobedecendo àquilo que a retórica da modernidade e do desenvolvimento quer que sejamos e façamos. (MIGNOLO, 2014, s/p).

Essa perspectiva procura ressignificar olhares e redimensionar saberes, estéticas e narrativas, rompendo com lógicas de poder que historicamente invisibilizaram artistas e a produção de conhecimento das manifestações culturais não-ocidentais. Na área das Linguagens, em Arte especificamente, essa discussão ganha relevo fundamental, dada a persistente marginalização de produções artísticas e culturais de povos historicamente colonizados, demandando uma revisão profunda das bases que sustentam seu ensino.

Ao observar este panorama de questionamentos e busca por abordagens múltiplas, muitas instituições de ensino no Brasil têm empreendido esforços para pensar curricularmente, perspectivas que valorizam a riqueza de nossas matrizes culturais com foco na dissolução e atualização das narrativas silenciadas, como podemos observar no currículo e material didático de Arte do Sesi São Paulo para os anos iniciais do Ensino Fundamental, contexto em que este artigo se insere, ao propor sua análise. Na esteira deste pensamento, vimos que

(...) a educação tem a função ontológica de socializar os conhecimentos sistemáticos produzidos historicamente pelo coletivo com as novas gerações,



de modo que não precisamos reinventar a roda a cada novo tempo; nos apropriamos dos saberes já postos e damos continuidade ao mundo, elaborando o novo constantemente, superando e construindo a história por ruptura ou incorporação. (PINHEIRO, 2023, pág. 23)

Busca-se investigar como esses recursos educacionais tratam o conceito da decolonialidade e do antirracismo, e o modo como as potencialidades identificadas na sua constituição amparam uma educação em Arte que seja verdadeiramente plural e conectada com as diversas realidades e manifestações do Brasil contemporâneo. Ao analisar a estrutura de como a tecnologia educacional desenvolvida pelo Sesi São Paulo, uma instituição de grande porte, estrutura o ensino de Arte no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, é possível desenhar um panorama de como as diretrizes teóricas se concretizam na prática pedagógica, tornando-se um campo fértil para a compreensão dos avanços e possíveis aprimoramentos.

A relevância deste estudo está na análise do currículo e material didático de uma instituição de grande alcance – são aproximadamente 140 escolas da rede mais 32 municípios usuários de tal tecnologia no Estado de São Paulo, cujas práticas podem balizar o olhar para a efetivação de diretrizes educacionais que promovem a pluralidade e de fato, pensam a importância de decolonizar o currículo enquanto espaço de disputas de poder. A arte, por sua natureza questionadora e criativa, carrega em si um potencial intrínseco de diálogo com a contemporaneidade das infâncias, da escola e do mundo, contrapondo-se ao viés normalista e homogeneizante da mera reprodução das culturas de massa; mas ao contrário, como área do conhecimento, a Arte deve contribuir para que os estudantes identifiquem situações de opressão, apagamento e subalternização, desenvolvendo uma postura ética e crítica a respeito da sociedade onde estão inseridos. Assim, o presente artigo quer diagnosticar o uso de estratégias formativas decoloniais e antirracistas, evidenciando os avanços já implementados e as contribuições que, sob a luz dos momentos atuais, contextualizam-se como significativas e fundamentais para o debate sobre a decolonização do ensino de Arte no Brasil e para a formação de cidadãos mais conscientes do lugar que ocupam no mundo e, principalmente, competentes para transformá-lo.

Para aprofundar esta análise, o presente estudo é guiado por um referencial teórico que traz discussões decoloniais e antirracistas que também se friccionam com



o campo da arte-educação. São consideradas as contribuições de Walter D. Mignolo, cujas formulações sobre a colonialidade do saber permitem desvelar as estruturas eurocêntricas que historicamente moldaram o conhecimento; as perspectivas de Alessandra Simões Paiva, essenciais para compreender a virada decolonial que se manifesta na arte brasileira; os preceitos de Bárbara Carine Soares Pinheiro, que oferecem um arcabouço para a construção de uma educação antirracista; e as reflexões de Ana Mae Barbosa, particularmente sobre a Abordagem Triangular, fundamentais para pensar um ensino de arte inclusivo e engajador.

Metodologicamente, o trabalho se desenvolve por meio da análise documental do "Referencial Curricular" e dos "Encaminhamentos Didáticos de Arte" do Sesi São Paulo e da análise de conteúdo e proposições das "Orientações Didáticas do Movimento do Aprender – Arte" (livro do Professor), detendo-se especificamente ao boxe ERER em Foco, que integra o conteúdo, voltado para o trabalho com a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino Fundamental Anos Iniciais, buscando identificar os pontos de convergência com o referencial teórico proposto.

2. DESENVOLVIMENTO

A reflexão sobre a decolonialidade surge como uma área de estudo fundamental para compreender e dirimir as estruturas de poder que historicamente moldaram a construção de saberes, bem como relações sociais, políticas, econômicas e as identidades. Segundo Mignolo, "(...) Da perspectiva epistemológica, o saber e as histórias europeias locais foram vistos como projetos globais (...)", narrada de uma perspectiva que situa a Europa como ponto de referência e de chegada." (MIGNOLO, 2003, pág. 41).

De modo amplo, esta conceituação postula que a modernidade europeia é intrinsecamente ligada a um processo de colonialidade, no qual a expansão ocidental impôs um sistema de classificação social e epistêmica. É importante admitirmos que a colonialidade não se encerrou com o fim do colonialismo político formal, mas consolida-se através de dispositivos de poder que mantêm como padrão a subalternização de conhecimentos, culturas e sujeitos não-europeus.



No campo da educação, e mais especificamente no ensino de Arte no Brasil, a colonialidade está presente no privilégio de um cânone artístico eurocêntrico, branco e patriarcal que historicamente negligenciou produções indígenas, africanas e afro-brasileiras folclorizando e diminuindo o seu valor por serem oriundas de outras culturas. Tal tratativa ocasionou a invisibilização de muitas tradições estéticas e narrativas, limitando o acesso e a compreensão dos estudantes sobre a diversidade da produção humana. Ao pensarmos a prática artística na escola, é preciso considerar que os processos criativos e pedagógicos não estão isentos das dinâmicas de poder e das desigualdades sociais que atravessam também o campo da arte.

Nesse mesmo sentido, Paiva afirma que:

(...) o movimento decolonial denuncia que as relações de opressão que se expressam violentamente através de noções de gênero, raça e geopolítica também se refletem nas práticas artísticas. Essas poéticas insurgem-se contra o colonialismo na vida, por meio de suas temáticas, e acabam assim questionando a incidência do colonialismo na própria arte e no meio cultural. (PAIVA, 2020, pág. 38).

A perspectiva decolonial, portanto, convida à reconfiguração dos currículos e das práticas pedagógicas em Arte, sugerindo uma readequação epistemológica que problematize a própria base sobre a qual o conhecimento é construído, valorizando as histórias locais para construir projetos globais mais justos e pertinentes. Isso implica em admitir a arte como um produto de contextos múltiplos, permeado pela diversidade dos significados culturais e sociais, e não como uma universalidade que atende aos interesses de um único centro. Ainda segundo Paiva,

(...) Precisamos lembrar que a arte não é neutra e tem trajetória social. Assim, o sistema da arte contribui para esse mecanismo em várias frentes: pela educação (...), pelos espaços de circulação, comercialização, legitimação e formação de público (...) e pelo próprio estatuto ontológico da chamada 'arte universal' (...)." (PAIVA, 2020, pág. 41).

A compreensão da produção da arte brasileira exige um olhar que transcenda as influências europeias e dê voz a complexidade de suas muitas influências. Nesse sentido, a noção de "virada decolonial" na arte brasileira, proposta por Alessandra Simões Paiva, torna-se um conceito-chave porque nos mostra a existência de um movimento crescente de artistas e pesquisadores brasileiros que buscam romper com a subalternização imposta pelo cânone ocidental, valorizando as produções estéticas



que nascem de contextos e saberes marginalizados. Esse movimento requer a revisitação da história da arte no Brasil sob uma nova perspectiva, enaltecendo as resistências, as apropriações críticas e as inovações que surgiram do entrecruzamento de culturas de resistência e da luta contra a dominação. A arte indígena, afro-brasileira e popular por exemplo, é reivindicada não como mera manifestação folclórica, mas como campo de conhecimento legítimo e potente.

Em diálogo com essa “virada”, a educação antirracista se mostra como um pilar indispensável para a construção de um currículo decolonial. Bárbara Carine Soares Pinheiro, em suas discussões, evidencia que a escola tem um papel basal na desconstrução de preconceitos e na valorização da diversidade étnico-racial. Para o ensino de Arte, isso se traduz na necessidade de ir além da mera inclusão de datas comemorativas, comerciais e católicas ao calendário escolar, mas ao contrário, na incorporação da história, cultura, produção intelectual e estética indígena e africana como fundamentos indissociáveis da formação cultural brasileira dos estudantes, como atestado em

(...) Todas as abordagens de natureza religiosa são desenvolvidas numa perspectiva mitológica e não no entendimento de verdade, pois isso se inseriria numa dinâmica de fé e a escola não é religiosa, ela é laica.
(PINHEIRO, 2023, pág. 102)

Compreender que a arte é feita por pessoas reais, com histórias e culturas próprias, e que grande parte das manifestações culturais brasileiras carregam em sua natureza processos de entrelaçamento das culturas indígenas, europeias e africanas, é um passo estruturante.

A Lei 10.639/03 (e sua alteração pela Lei 11.645/08), que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena, é um marco legal importantíssimo que identifica a urgência dessa abordagem no currículo que para ser decolonial e antirracista, portanto, deve viabilizar aos Professores e estudantes o acesso a obras que expressem narrativas singulares e saberes historicamente silenciados e apagados. Essa perspectiva contribui não apenas para a ampliação do repertório estético e cultural, mas para além do protagonismo dos colonizadores, atuando também no fortalecimento do pensamento crítico, na valorização da diversidade e no reconhecimento da contribuição indígena, africana e afro-brasileira,



fundamentais para a construção da nossa história, linguagem, sensibilidade e subjetividades.

No campo da arte-educação brasileira, a Abordagem Triangular, postulada por Ana Mae Barbosa no final da década de 1980, transformou a concepção do ensino de Arte ao compreendê-la como cultura e expressão. Observando como os próprios artistas aprendem – criando, conversando sobre arte e apreciando obras – Barbosa sistematizou uma didática que relaciona três dimensões fundamentais: a produção (fazer artístico), a fruição (apreciação de obras de arte e manifestações) e a contextualização (observância dos contextos culturais, sociais, históricos etc. de produção da arte). Essa abordagem, de tendência pós-moderna, busca admitir a Arte enquanto área do conhecimento que está além da mera técnica, protagonizando a subjetividade, a percepção crítica e a imaginação, como visto em:

Para uma triangulação cognoscente que impulsiona a percepção da nossa cultura, da cultura do outro e relativize as normas e valores da cultura de cada um, teríamos que considerar o fazer, a leitura das obras de arte ou do campo de sentido da arte e a contextualização, quer seja histórica, cultural, social etc. (BARBOSA, 2012, pág. XXXII)

A importância da Abordagem Triangular para um currículo decolonial e antirracista reside na sua potência em desestabilizar a primazia de um único modelo estético, tornando relevantes outras aproximações e olhares. A fruição de obras, nesse panorama, não se limita a construir um percurso linear da história da arte, mas promove diálogos estéticos, aproximando culturas, épocas e artistas diferentes, o que permite ampliar o repertório imagético. Esse princípio se combina com o ideal da decolonialidade por trazer à luz a singularidade dos discursos presentes em obras de artistas invisibilizados historicamente, relativizando a lógica imposta pelos colonizadores.

O eixo da produção, ao valorizar a criação autoral do estudante a partir de sua bagagem, facilita a elaboração da sua própria história de vida e subjetividade, o que se mostra como ação crucial em um contexto decolonial, onde a arte configura-se como ferramenta potente para questionar o cotidiano e, desse modo, expressar memórias e culturas de base ancestrais por definição. Por fim, a contextualização – considerada por Ana Mae Barbosa como o fio que alinhava a Abordagem Triangular; exige a reflexão e apropriação sobre o que foi desenvolvido. Essa dimensão não se limita à contextos históricos, mas se estende para outras áreas do conhecimento, e



nesse caso, a ativação dos conhecimentos prévios dos estudantes funciona como um dispositivo relacional para compor sentidos e coadunar contextos diversos de produção. Em um currículo que se pretende decolonial, essa dimensão coletivizada é fundamental para que os estudantes possam compreender que o artista cria propostas autênticas, ligadas intimamente ao modo e ao tempo em que são criadas, relacionando os processos criativos com as diversas dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.

A análise que gera a escrita deste artigo está referenciada por documentos norteadores da pedagogia desenvolvida pelo Sesi São Paulo, como já informado: o "Referencial Curricular", "Encaminhamentos Didáticos - Arte" e as "Orientações Didáticas do Movimento do Aprender - Arte" – boxe ERER em Foco, para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais. O primeiro e o segundo documento estabelecem as bases conceituais do ensino na instituição, enquanto o subsequente apresenta reflexões e recursos que podem subsidiar o trabalho dos Professores com o componente Arte e com a temática da Educação das Relações Étnico-raciais, especificamente para os anos do 1º ao 5º do Ensino Fundamental.

Os procedimentos de análise dos documentos da rede Sesi São Paulo focaram em seus princípios gerais, objetivos, conjunto de competências e habilidades e na fundamentação das linguagens artísticas como Campos Temáticos (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro e Artes Integradas), bem como na conceituação da Abordagem Triangular na perspectiva deste currículo.

2.1. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O documento "Encaminhamentos Didáticos - Arte" admite que a história do ensino de Arte no Brasil "(...) remonta ao período colonial, quando as primeiras instituições começaram a surgir, influenciadas pelas práticas europeias (...)" (SESI-SP, 2024, pág 161). Essa constatação inicial, embora concisa, já aponta para a genealogia colonial que delineou a arte-educação no Brasil, aproximando-se à crítica de Walter D. Mignolo sobre a colonialidade do saber, que historicamente privilegiou as epistemologias e estéticas ocidentais e, ao mencionar a criação da Academia



Imperial de Belas Artes com seu "(...) modelo acadêmico rígido, focado no ensino de técnicas clássicas e na formação de artistas para atender à demanda por arte no contexto nacional (...)" (SESI-SP, 2024, pág. 161), o documento evidencia a reprodução de um cânone que acentuou a diferença colonial através do tempo e subalternizou as produções artísticas locais e não-europeias. A diferença colonial, nas palavras de Mignolo, é central para essa discussão, pois

(...) é o espaço onde emerge a colonialidade do poder. A diferença colonial é o espaço onde as histórias locais que estão inventando e implementando os projetos globais encontram aquelas histórias locais que os recebem; é o espaço onde os projetos globais são forçados a adaptar-se, integrar-se ou onde são adotados, rejeitados ou ignorados. A diferença colonial é, finalmente, o local ao mesmo tempo físico e imaginário onde atua a colonialidade do poder, no confronto de duas espécies de histórias locais visíveis em diferentes espaços e tempos do planeta. (MIGNOLO, 2003, pág. 10).

A adoção da Abordagem Triangular postulada por Ana Mae Barbosa, como um dos pilares do ensino de Arte no Sesi São Paulo, proporciona um terreno fértil para a decolonização do ensino de arte. A fruição/leitura de obras, por exemplo, é descrita não como uma dimensão linear, mas como a promoção de diálogos produtivos, comparando movimentos e artistas diferentes, valorizando a diversidade de movimentos estéticos, culturas e materialidades artísticas. Essa concepção de leitura representa um avanço substancial para neutralizar a primazia do cânone eurocêntrico, possibilitando que os estudantes compreendam a multiplicidade de caminhos expressivos e que cada artista traduz em formas únicas a sua visão de mundo, refletindo o seu contexto histórico de forma singular.

O documento também enfatiza que a dimensão da produção/criação envolve a mobilização de memórias, imaginação, técnicas e procedimentos na configuração de uma proposta artística, e que, ao fazer uso das linguagens artísticas de forma autoral, o estudante elabora sua própria história de vida e subjetividade. Essa valorização da experiência pessoal e da autoria é basal para um ensino de Arte que não se alinha com a reprodução esvaziada de sentidos e estimula a expressão de identidades plurais, em sua visão de uma educação antirracista.

A dimensão da contextualização/reflexão organiza e adequa as cognições, sendo uma condição epistemológica básica. Essa compreensão expandida da contextualização é vital para um currículo decolonial, pois permite que os



conhecimentos construídos em Arte sejam acionados em diálogo com os saberes prévios dos estudantes e com a complexidade dos contextos de produção e recepção da arte.

O documento afirma que ao refletir sobre a cultura brasileira, é preciso pensar nas matrizes estéticas que a constituem, assim como na intersecção dos elementos dessas matrizes, que compõe a cultura tão diversa do nosso país. Ademais, o texto declara explicitamente que

(...) Promover o acesso, a ampliação de saberes e a desconstrução de estereótipos e preconceitos em relação às manifestações artísticas da cultura brasileira é fundamental para o desenvolvimento da identidade do estudante e na busca pela construção de um currículo decolonial em Arte. (SESI-SP, 2024, pág. 169).

Essa declaração representa um compromisso explícito com a decolonização e o antirracismo, autenticando uma diretriz sólida para a seleção e abordagem de conteúdos específicos.

As orientações didáticas relacionadas ao boxe ERER em Foco, presentes nas “Orientações Didáticas do Movimento do Aprender - Arte” para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais, explicitam um avanço maciço na viabilização da decolonialidade e do antirracismo no ensino, concretizando os princípios do “Referencial Curricular”. Desde o 1º ano, o material didático busca desconstruir narrativas eurocêntricas ao tornar relevante por exemplo, o Egito Antigo como berço de saberes e reconhecer a oralidade dos Griôs como um dos eixos estruturantes da cultura, da memória e da resistência da África diaspórica. Nos anos seguintes, tais orientações aprofundam essa perspectiva ao considerar e reafirmar o protagonismo indígena, africano e afro-brasileiro em diversas áreas, questionando o racismo estrutural e o silenciamento histórico.

Outros avanços se mostram ao explorar didaticamente como a Arte pode romper com estereótipos, utilizando a narrativa visual para expressar a multiculturalidade e destacando o cinema indígena e as escolas de samba como territórios de resistência e afirmação identitária. Além disso, o material didático do estudante, “Movimento do Aprender - Arte”, consolida a produção intelectual e estética indígena, africana e afro-brasileira como parte essencial da educação, almejando a superação da folclorização e do apagamento. A presença de discussões sobre arte e resistência, contextualizando e problematizando práticas como o *blackface* e



apresentando artistas que utilizam a arte como instrumento de denúncia contra o racismo, estimula um viés sociopolítico crítico importante para a promoção de uma educação comprometida com a justiça social.

Em síntese, as orientações didáticas relacionadas ao boxe ERER em Foco, demonstram um movimento notável em direção a um ensino decolonial e antirracista, pois buscam ativamente desconstruir narrativas hegemônicas, incentivar a diversidade de saberes e expressões, e privilegiar o protagonismo de culturas historicamente marginalizadas, oferecendo aos Professores generalistas e especialistas, subsídios para uma prática pedagógica mais consciente e engajada.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do currículo e do material didático de Arte do Sesi São Paulo para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais, sob a perspectiva da decolonialidade, revelou um panorama de significativos avanços e inovações. Foi possível constatar que os encaminhamentos didáticos e proposições pedagógicas como o boxe ERER em Foco, por sua vez, materializam um esforço para incorporar as histórias e culturas dos povos originários, africanos e afro-brasileiros de modo a ampliar sua expressividade, discutindo seu protagonismo, a riqueza de suas tradições e epistemologias.

A Arte, em seu potencial de problematizar o cotidiano e promover a crítica, como apresentado no corpo deste trabalho, deve ser instrumentalizada para que os estudantes identifiquem situações de opressão e desenvolvam uma autonomia crítica e criativa. Concluímos que a decolonialidade, aplicada ao ensino de Arte, pode contribuir para o reposicionamento do currículo e das práticas docentes, abrindo espaço para epistemologias plurais e horizontes críticos que dialoguem com as realidades dos estudantes. Paiva complementa que

(...) A virada decolonial na arte brasileira aponta para a urgência na construção de um novo paradigma na arte, que abarque experiências e epistemologias historicamente excluídas dos códigos dominantes, ajudando a configurar uma geopolítica do sensível socialmente justa e igualitária (...). (PAIVA, 2020, pág. 67).

Em última análise, a experiência ocasionada por este estudo reforça o princípio de que a valorização de saberes, histórias e culturas historicamente silenciadas, transcende a responsabilidade estética para se tornar um compromisso ético e político



com a formação de cidadãos conscientes de seu lugar no mundo e capazes de transformá-lo. Ao promover leituras críticas e contextualizadas, a arte escolarizada contribui para que os estudantes compreendam suas próprias histórias, o impacto de suas escolhas e, mais importante, o fato de que todos somos capazes de produzir arte, beleza e conhecimento para e com a coletividade. O investimento contínuo em currículos e materiais de Arte que compreendam e assumam a decolonialidade é, portanto, um passo fundamental para uma educação que cultiva a sensibilidade, a crítica e a capacidade de construir um futuro mais justo e plural para todos os brasileiros.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino de arte: anos 1980 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2012. 149 p.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. rev. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2020. 482 p.
- MIGNOLO, Walter. *O controle dos corpos e dos saberes*. Entrevista com Walter Mignolo. Tradução André Langer. Revista IHU, São Leopoldo, jul. 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533148-o-controle-dos-corpos-e-dos-saberes-entrevista-com-walter-mignolo> Acesso em: 05 jul. 2025.
- PAIVA, Alessandra Simões. *A virada decolonial na arte brasileira*. Bauru: Mireveja, 2022. 240 p.
- PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. 160 p.



SESI-SP (Serviço Social da Indústria. Departamento Regional de São Paulo). *Referencial curricular: organização curricular e encaminhamentos didáticos: ensino fundamental e ensino médio*. 1. ed. São Paulo: SESI-SP Editora, 2024. 347p. PDF

SESI-SP (Serviço Social da Indústria. Departamento Regional de São Paulo). *Arte: Ensino Fundamental: 1º ao 5º ano*. 1. ed. São Paulo: SESI-SP Editora, no prelo.